

NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS NA OBRA PIUM – NOS GARIMPOS DE GOIÁS: SOBRE TRAJETÓRIAS E TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS

*CARTOGRAPHIC NARRATIVES IN THE WORK PIUM - NOS GARIMPOS DE GOIÁS: ON
EXISTENTIAL TRAJECTORIES AND TERRITORIES.*

Raimundo dos Santos Bezerra¹
UFT – Campus Porto Nacional - TO

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise lítero-geográfica da obra *Pium: nos garimpos de Goiás* (1949), de Eli Brasiliense, por meio das noções de trajetórias e territórios existenciais. A partir da intersecção Geografia e Literatura, busca-se compreender experiências vividas no espaço-tempo retratado. A cartografia social e existencial orienta a escrita deste resumo, que investiga a representação espacial da extração de cristal de rocha, atividade que impulsionou a economia do norte de Goiás, atual Tocantins.

Palavras-chaves: Cartografia socioexistencial; Geografia e Literatura; Ciclo do cristal.

INTRODUÇÃO

A obra *Pium* (1985), de Eli Brasiliense, entrelaça histórias reais e fictícias vividas, observadas e imaginadas na década de 1940 por um escritor goiano nascido em Porto Nacional — cidade que, na época, integrava o estado de Goiás e atualmente pertence ao Tocantins. Além de professor, Eli Brasiliense exerceu diversas funções: foi diretor escolar, jornalista, secretário da Prefeitura e autor de diversas obras, como *Pium* (1940), *Bom Jesus do Pontal* (1954), *Chão Vermelho* (1956), *Rio Turuna* (1964), *O Irmão da Noite* (1968), *Grão de Mostarda* (1969), *A Morte do Homem Eterno* (1970), *Perereca* (1973) e *Bilhete à minha filha na noite de Natal* (1982).

Dentre essas produções, *Pium* (2006) foi selecionada, por se tratar de uma obra literária regional que preserva e resgata aspectos socioambientais, culturais, históricos e linguísticos de um povo marcado por um período de guerras, escassez, lutas, heranças culturais e pela descoberta de cristais.

¹ Licenciado em Pedagogia, cursando Licenciatura em Geografia e Bacharel em Direito. Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Geografia – PPGG/UFT. Professor da Educação Básica no município de Palmas, mundicobezerra@gmail.com

Na década de 1940, a extração de cristal de rocha impulsionou a economia do Norte de Goiás, hoje Tocantins. O cristal era exportado para a fabricação de componentes eletrônicos. Durante a Segunda Guerra, países importadores passaram a produzir cristal sintético, reduzindo a importação do brasileiro.

A Pium garimpeira, construída e representada na obra de Eli Brasiliense (2006), retrata a origem do atual município de Pium², hoje localizado no Estado do Tocantins. Na narrativa em foco, Pium é um lugarejo igual a tantos outros da região, que, na época, eram palco da chegada de muitos migrantes e vivenciam o frenesi de uma incipiente urbanização em um mundo que, até então, era pautado no rural e tradicional. Assim, por meio da alternância entre a narração de enredos e a voz dos personagens, o autor leva o leitor para o cotidiano desse mundo garimpeiro.

Para Gonçalves (2020, p. 6); "Estes universos simbólicos e tangíveis aflorados no garimpo foram incorporados na literatura regional, transformados em matéria prima de criação. Dessa maneira, a literatura regional com sua capacidade de transitar entre a realidade e o ficcional, realizar vasta exploração da matéria geográfica dos lugares e proceder da análise miúda das coisas humanas, alargou o campo das representações sobre o garimpo e os garimpeiros."

Os aspectos simbólicos e tangíveis do universo do garimpo, com suas dimensões sociais e culturais, foram absorvidos pela literatura regional. Essa literatura, ao transitar entre o real e o ficcional, não apenas retrata a realidade do garimpo, mas também amplia as representações sobre esse universo ao explorar de maneira detalhada tanto os aspectos geográficos dos lugares quanto as condições humanas de quem ali vive e trabalha. Esse processo de incorporação e transformação enriquece a produção literária, contribuindo para a construção de uma visão mais complexa e multifacetada sobre o garimpo e seus protagonistas.

Chaveiro (2015)⁵ vê uma interrelação entre Geografia e Literatura, considerando o espaço um local privilegiado para narrativas literárias. A aproximação entre esses campos de saberes significa unir o conceito acadêmico à experiência humana, essencial na narratividade literária. O texto narrativo, comum em romances e crônicas, constrói enredos com espaço e tempo determinados, preservando a comunicabilidade da experiência. Ricoeur (2007) destaca que as narrativas indicam aspectos da realidade concreta, adquirindo sentido em sua relação com a história.

METODOLOGIA

Este trabalho propõe a realizar uma pesquisa narrativa como método investigativo. Freitas (2016), assume que a potencialidade do gênero permite ir além dos registros e disseminação de resultados sobre a experiência cotidiana. "É por meio das narrativas que posso descrever uma situação de visão de mundo dentro das experiências vividas [...]" (p. 34), e ainda completa que a palavra escrita é necessária para nos situar espacial e temporalmente, para além de um hábito geográfico, mas como a natureza do pensar/agir geográfico, a experiência espacial.

A experiência acontece narrativamente. "[...] pensamos narrativamente à medida que entramos na relação de pesquisa com os professores, à medida que criamos textos de

2. Atual município de Pium, hoje localizado no Estado do Tocantins.

campo e escrevemos histórias [...]" (CLANDININ & CONNELLY, 2011, p. 32), pontuam os autores quando apresentam a pesquisa narrativa como trajetória metodológica para trabalhar com docentes que atuam na educação básica. Independente do objeto e sujeitos das pesquisas, estamos em uma relação discursiva que transforma pesquisador e fenômeno. As narrativas podem descrever com muitos detalhes a realidade, porque a narrativa é carregada da experiência individual e social do narrador anterior ao fenômeno.

A fase inicial do trabalho consistirá em uma pesquisa bibliográfica sobre a relação entre Geografia e Literatura, por meio da leitura de artigos, livros e outros materiais teóricos que fundamentem a análise proposta, incluindo autores que abordam conceitos geográficos presentes em narrativas literárias. Após a seleção do material, serão realizadas leituras orientadas por discussões teóricas e empíricas que subsidiarão a pesquisa, culminando na análise de uma obra literária específica, a partir da identificação de elementos geográficos nas descrições narrativas e da seleção de fragmentos representativos para discussão ao longo do texto.

Paralelamente, serão conduzidas entrevistas com pessoas que possuem vínculos familiares e/ou históricos com personalidades da região garimpeira dos municípios de Pium, Cristalândia e Dueré; essas entrevistas serão gravadas, transcritas e posteriormente analisadas com foco no conteúdo das narrativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A crescente apropriação da cartografia por diversos grupos resultou em uma variedade de produtos cartográficos com propósitos políticos e conteúdos variados, levando ao surgimento da Cartografia Crítica. Esta corrente é definida como um conjunto de teorias críticas e novas práticas de mapeamento que criam formas alternativas de mapas (NACIF; NAME, 2013).

Nos últimos anos, a cartografia tem enfrentado instabilidade teórica, abrindo espaço para questionar pressupostos e convenções naturalizadas. A cartografia convencional, que serviu à modernidade ocidental, está sendo reavaliada, enquanto cartografias subalternas, antes marginalizadas, ganham destaque no movimento crítico.

O espaço geográfico, seja na perspectiva de Dardel ou de Harvey, é constituído por marcas do presente e do passado que moldam e (de)formam tanto as ações humanas quanto a materialidade da natureza. A espacialização, nesse contexto, é uma produção dos sujeitos e voltada para eles, ocorrendo em distintas temporalidades.

A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença, terras que ele pisa ou ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade (DARDEL, 2011, p. 34).

Compreendemos, assim, que o cotidiano se manifesta por meio de experiências espaciais. Trata-se de ir além da tradicional visão euclidiana, que por tanto tempo orientou nossas práticas espaciais e influenciou nossos modos de ver, viver, conceber e representar o mundo. Essa nova perspectiva nos permite apreender as particularidades e vicissitudes do dia a dia — sejam elas de ordem individual ou social — que compõem o

espaço geográfico. O conhecimento espacial está ao alcance de todos. Como afirma Claval (2010, p. 55), "a experiência do espaço é, pois, fundamentalmente, a de suas interrupções, suas rupturas, seus contrastes, sua heterogeneidade [...] ela nasce da experiência que os homens têm dos lugares e das emoções que esta suscita."

A cartografia foi analisada sob diversas perspectivas: desde considerações sobre sua existência material como um objeto de afirmação de poder, até os sentidos metafóricos atribuídos por filósofos e antropólogos críticos da modernidade. Esses críticos trataram de reflexões mais amplas, associadas especialmente à racionalidade científica e sua lógica taxonômica e hierarquizante. Almeida (2013) destaca a importância dessas reflexões para impulsionar os estudos críticos sobre cartografia:

A análise crítica das práticas de cartografar, tornou-se mais recentemente objeto de reflexão e debate filosóficos (Foucault, Deleuze, Guattari, Agamben) e de sociólogos e antropólogos (Bourdieu, Bateson, Baudrillard, Goody), invertendo direções, recompondo paisagens, alargando horizontes, abrindo debates e arrebatando a questão dos domínios estritos do conhecimento técnico em que ela já estaria consolidada como tributária da geografia e de disciplinas militares. (...) O arrebatamento da questão por filósofos e cientistas sociais tem forçado, deste modo, aqueles domínios de conhecimento, já instituídos formalmente para pensar o processo cartográfico, a proceder a redefinições, ressemantizações e relativizações de noções básicas da cartografia, que haviam se tornado lugar comum e não mais requeriam explicações ou demonstrações de sua eficácia científica (ALMEIDA, 2013, p. 159).

Um exemplo dessas ressignificações propostas por filósofos que usaram a cartografia como método de pesquisa para se opor a formas dicotomizadas e simplificadoras de ver o mundo é a proposta de Deleuze e Guattari, que pode ser apresentada, de maneira muito breve, com o seguinte fragmento:

Para tentar apreender, mesmo que transitoriamente, a processualidade que a transdisciplinaridade propaga, pode-se trabalhar com a cartografia, método proposto por Deleuze e Guattari, utilizado em pesquisas de campo voltadas para o estudo da subjetividade (...). A cartografia se apresenta como valiosa ferramenta de investigação, exatamente para abarcar a complexidade, zona de indeterminação que a acompanha, colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação, esforçando-se para não se curvar aos dogmas reducionistas (ROMAGNOLI, 2009, p. 169).

O destaque é para a cartografia, inspirada na filosofia de Deleuze e Guattari, como um método potente para pesquisas que buscam compreender a complexidade da subjetividade em contextos diversos. Ao relacioná-la com a transdisciplinaridade, o texto aponta para a sua capacidade de operar em zonas de indeterminação, onde o saber não se fecha em categorias fixas, mas se abre ao processo, ao movimento e à multiplicidade de forças que atravessam cada situação. Nesse sentido, a cartografia não busca verdades absolutas, mas sim acompanhar fluxos, tensões e sentidos em constante transformação, posicionando-se contra reducionismos e oferecendo um olhar sensível e implicado sobre o real.

Sobre o aspecto da narratividade compreendemos que o texto narrativo é uma forma do gênero literário onde o narrador constrói um enredo com espaço e tempo determinados, alternando entre linguagens verbal, visual e/ou gestual. Tradicionalmente em prosa, o narrador pode se ocultar ou não por trás de seus personagens. Essa forma de texto é comum em romances e crônicas. A habilidade do narrador em preservar a comunicabilidade da experiência, derivada das tradições orais (BENJAMIN, 2014), é essencial. Isso distingue o romancista do cronista. A experiência é o elemento central: "O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outro. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes." (BENJAMIN, 2014, p. 217).

Vemos o cotidiano como o canal de sentidos que estabelece a experiência, onde o espaço é organizado pelas práticas comuns do presente, pelas experiências particulares, pelas disputas e pela solidariedade. Para Certeau (1998), o cotidiano é composto de "maneiras de fazer", caminhar e ser, onde os sujeitos se entrelaçam, produzem e delimitam narrativamente cada campo do cotidiano.

Neste contexto, a produção de narrativas cartográficas se torna uma ferramenta essencial para compreender aspectos da realidade, permitindo "um pensamento espacial vivo e dinâmico, que conta as geografias de quem caminha" (GONÇALVES, 2017, p. 63). Isso coloca em movimento a problematização da concepção do mapa como um processo vivo, baseado em "como você se relaciona com o espaço".

A narrativa cartográfica, portanto, é vista como um relato de uma experiência espacial subjetiva, expressando a forma como vivemos, vemos, sentimos e representamos o (nossa) mundo (BREDA, 2017a). Essa prática se configura como uma ação política que questiona os pressupostos ocultos da linguagem representacional. Ao democratizar a expressão e a experiência espacial, ela contribui para a redução das assimetrias na produção do conhecimento.

Pensar narrativamente é a forma como nos comunicamos com nossa própria pesquisa, permitindo-nos explorar e revelar os caminhos que a definem e as vias da experiência. O geólogo, por exemplo, tem a tarefa de considerar seu objeto de estudo, temporalmente, alternando entre hipóteses do presente e do passado. Embora seu conhecimento empírico seja rico em dados, trabalhos de campo e análises laboratoriais, a reprodução exata do fenômeno estudado não é possível. Portanto, é necessária uma reflexão menos explícita, que envolva a construção de uma narrativa capaz de coordenar todas as suas metodologias.

Dessa forma, é possível concluir, por meio de observações indiretas, a espacialidade e a temporalidade do fenômeno. É a narrativa que nos convence sobre sua historicidade e contingencialidade. Assim, concordamos com Clandinin & Connely ao afirmar que "A pesquisa narrativa é uma pesquisa relacional quando trabalhamos no campo, movendo-nos do campo para o texto do campo, e do texto do campo para o texto da pesquisa." (2011, p. 96).

Sobre a trajetória de vida dessas pessoas, Chaveiro e Vasconcellos (2018 p. 33), nos diz:

Centrada na ideia de trajetória de vida e incorporada a noção de espaço como suporte, meio e condição das trajetórias, esforçando-se para

exemplificar na vida concreta as suas representações teóricas, a cartografia exerce uma compreensão política do mundo e das Pessoas-paisagem. Deflagra um saber comprometido com a prática e uma prática instaurada no saber. Deflagra, ainda, o dever de perceber e sentir o que emana da leitura da paisagem.

Compreende-se que a cartografia, ao articular as trajetórias de vida com a noção de espaço como suporte, meio e condição, permite uma leitura sensível e politicamente comprometida do mundo. Mais do que um método, ela se apresenta como uma prática de escuta e de envolvimento com as experiências concretas dos sujeitos as chamadas Pessoas-paisagem, convocando o pesquisador a perceber e sentir os sentidos que emergem da paisagem. Assim, ao transitar entre teoria e prática, a cartografia se revela como um saber que se faz no movimento, instaurando uma postura ética e afetiva diante das existências e dos territórios por onde essas trajetórias se desenham.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra *Pium – nos garimpos de Goiás*, à luz da cartografia socioexistencial, permite compreender como as experiências vividas e narradas em um espaço-tempo específico se constituem como territórios marcados por afetos, memórias e práticas sociais. A interseção entre Geografia e Literatura revela-se potente para dar visibilidade às trajetórias de sujeitos historicamente marginalizados, especialmente no contexto da exploração do cristal no norte de Goiás, atual Tocantins. Ao assumir a narrativa como método, é possível construir um percurso investigativo comprometido com as experiências concretas das chamadas Pessoas-paisagem, cuja existência territorializada nos interpela a ler o espaço não apenas como cenário, mas como expressão viva de subjetividades.

A cartografia, neste contexto, não se limita a representar, mas propõe um deslocamento epistemológico e político, ao articular saber e prática em uma postura sensível, ética e crítica diante do mundo vivido. Assim, esta pesquisa reafirma o valor da escuta, da memória e da experiência como elementos fundamentais para compreender e (re)significar o espaço geográfico por meio da literatura.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Nova Cartografia Social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras. In: ALMEIDA, A.W.B.; FARIAS JR. Emanuel de Almeida. Povos e Comunidades Tradicionais: Nova Cartografia Social. Manaus, 2013.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas: Volume 1. São Paulo: Brasiliense, 2014.
- BRASILIENSE, Ely. Pium: nos garimpos de Goiás. Goiânia: Instituto Centro Brasileiro de Cultura, 2006.
- BREDA, Thiara. Vichiato. Cartografando trajetórias: a (trans)formação de experiências. In: Anais... VII Fala outra Escola: Re-existir nas pluralidades do cotidiano. Campinas, p. 1-20, 2017a.
- CERTEAU, Michael. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAVEIRO, E.F. Dizibilidades Literárias: A Dramaticidade Da Existência Nos Espaços Contemporâneos. *Revista Geograficidade*, v.5, n.1, p. 40 – 51, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12917> Acesso em: 07 abr. 2025.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Cartografias existenciais da pessoa com deficiência e o trabalho. Eguimar Felício chaveiro, Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos (organizadores). 1ª edição, Goiânia:/Kelps, 2018.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU

CLAVAL, Paul. Terra dos Homens – a Geografia. São Paulo: Contexto, 2010.

DARDEL, É. (2011). O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Editora Perspectiva.

FREITAS, Anniele Sarah Ferreira. Formar professores-pesquisadores numa escola de bacharéis: a cultura do Pibid de geografia da Unicamp. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Geografia: Unicamp, 2016.

GONÇALVES, Amanda Regina. Narrativas cartográficas e a conexão entre mapa e experiências. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 7, n. 13, p. 51-66, 2017.

GONÇALVES, Ricardo Junior de A. F. Cascalhos inclementes: garimpo e violência no conto "Sua alma, sua palma", de Bernardo Élis. *Revista Sapiência*, Vol.9, N.1, 2020b.

NAME, Leo; NACIF, Cristina. Notas sobre mapas, mapeamentos e o planejamento urbano participativo no Brasil na perspectiva de uma cartografia crítica. *Biblio3W. Revista Bibliográfica de Geografía y CienciasSociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 25 de marzo de 2013.

RICOEUR, Paul. A Memória, a história, o esquecimento. Campinas, Unicamp, 2007.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia e Sociedade*. Porto Alegre, v. 21, n. 2, 2009.